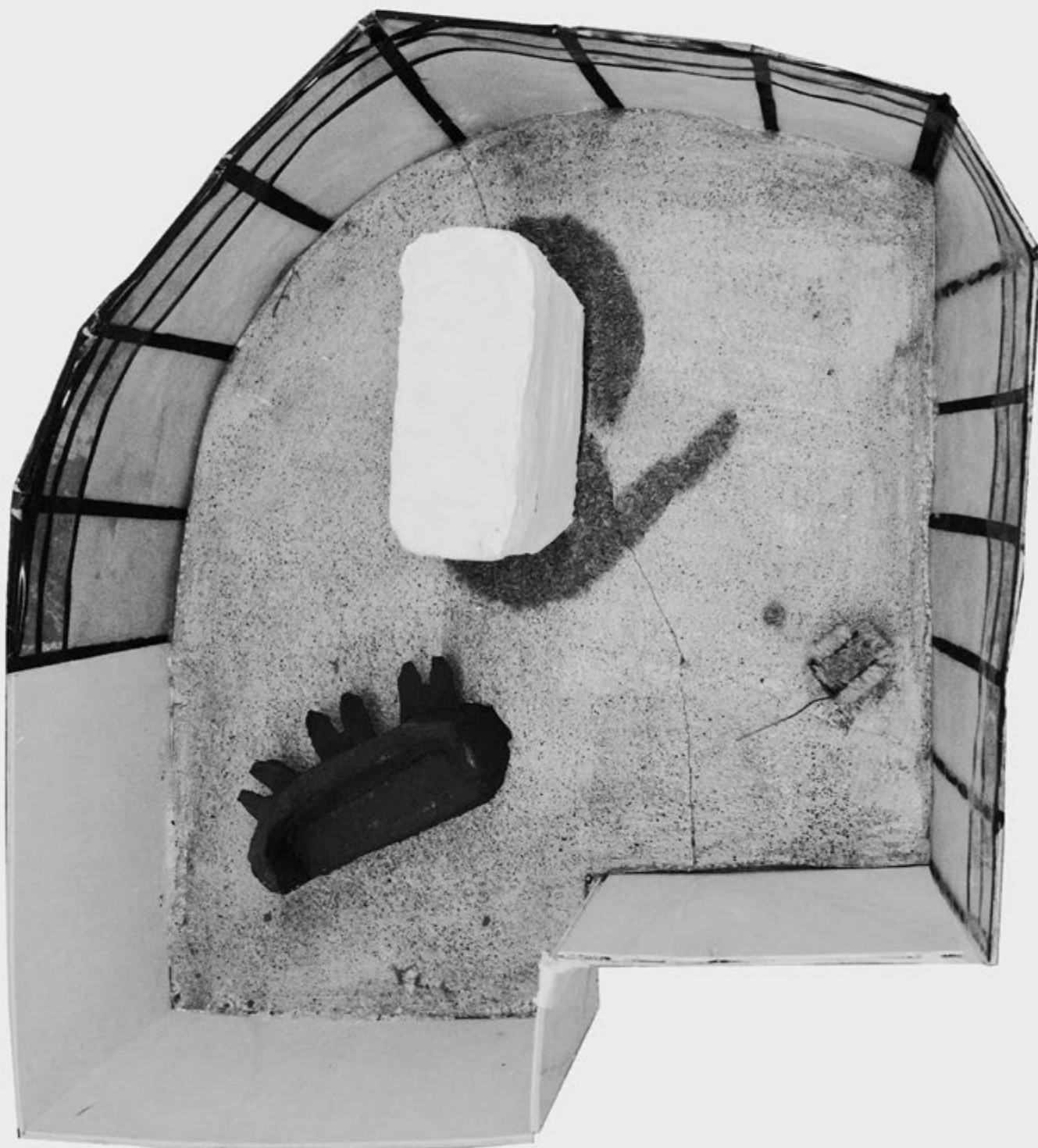


MULLET MIGNON MILANESA

Cléo Döbberthin @Hello.Again

P I V Ô



Hello.Again

O Programa **Hello.Again** do Pivô, tem como objetivo introduzir o espaço e saudar o visitante. O título é inspirado pela obra homônima do artista israelense Haim Steinbach, que dá as boas-vindas ao mesmo tempo em que celebra um reencontro. O espaço expositivo, localizado na recepção do Pivô, é a transição entre a rua de pedestres do edifício Copan e o interior da instituição, e funciona como um espaço expositivo que é ao mesmo tempo percebido como uma vitrine para projetos de artistas em início de carreira

/

The **Hello.Again** programme at Pivô is aimed at both introducing the space and greeting our visitors. The programme's name is inspired by a work of the same title by Israeli artist Haim Steinbach, which simultaneously greets viewers and celebrates a reencounter. The exhibition space – located at Pivô's entrance – marks the transition between the pedestrianised street inside the Copan building and Pivô's interior, serving as a display window for artists in the beginning of their careers.

MULLET MIGNON MILANESA

Ao nos aproximarmos da entrada do Pivô, percebemos uma estranha textura cobrindo a fachada de vidro que reveste o térreo da instituição, como uma leve sujeira grudada na superfície ou uma dessas soluções temporárias usadas para cobrir espaços em reforma. A intervenção na fachada é *Fumê* (2019), um dos trabalhos de Cléo Döbberthin para o espaço que conecta a rua do Copan e a recepção do Pivô, servindo como uma espécie de disfarce ou camuflagem que atiga a curiosidade de quem passa por ali. De dentro da recepção ouvimos: “O Pivô fechou?”, “O que eles estão construindo ali?”

Döbberthin frequentemente, confunde os limites entre o dentro e o fora e ela encontrou no andar térreo do Pivô a situação ideal para continuar sua pesquisa sobre os lugares de passagem. Da variedade de formas e materiais em *Mullet Mignon Milanesa*, deriva um ambiente que é uma crítica bem-humorada de seu próprio contexto. O título refere-se tanto a trabalhos presentes na mostra, quanto às relações de escala e texturas que compõem

a instalação. *Mullet* (2019) é um capacho que contorna a coluna central do espaço terminando em uma longa mecha colorida que varia de cor a cada mês, e remete ao pentado popular nos anos 1980 (e atualmente). A textura do capacho não deixa de lembrar a superfície dos bifes empanados bem comuns no almoço brasileiro. A aliteração sonora das palavras no título reflete a dinâmica de associações presente na prática da artista em que objetos, imagens, materiais e formas se conectam em um fluxo aberto de significados.

Desenvolvendo esculturas que replicam elementos arquitetônicos e intervenções especificamente pensadas para os contextos onde são instaladas, o trabalho de Döbberthin aborda relações entre a padronização de mobiliários e da arquitetura urbana com questões relacionadas ao corpo e ao gênero. Relações de escala e texturas que compõem sua exposição no Pivô partem de uma crítica sutil a aspectos autoritários da arquitetura modernista. *Copanzinho* (2019) é uma estranha escultura que mimetiza o formato ovalado das colunas do edifício, mas longe das clássicas superfícies brancas que caracterizam as obras de Oscar Niemeyer, Döbberthin reveste a estrutura com concreto pigmentado aplicado de forma irregular, gerando texturas e movimentos disformes. O trabalho é ao mesmo tempo uma mesa onde funciona a recepção do Pivô; uma espécie de banco moldado a partir das pernas da artista; e também um

vaso. Uma coroa de cristo, planta comumente encontrada em entradas de edifícios, foi instalada na parte da alta da peça e cria com ela uma imagem insólita e um tanto híbrida. A escultura pode ser lida como uma versão agigantada dos projetos anteriores da artista, como Mocinha (2018) ou Vulcão (2018).

Dramaqueen (2017), também presente na exposição é uma dessas esculturas de uma série que a artista vem desenvolvendo desde 2017 utilizando plantas vivas. Ela parte de formas baseadas na arquitetura modernista para produzir vasos recobertos com cimento ou materiais utilizados para a fabricação de capachos, como a tradicional fibra de côco. Nestes objetos são plantadas coroas-de-cristo - uma espécie comumente utilizada como cerca viva em casas e prédios - podadas de modo a criar longas formas sinuosas.

As formas solitárias dessas esculturas em vasos zombam do autoritarismo e dos aspectos utópicos do modernismo. A coroa de espinhos brotando das estruturas geométricas vai de encontro a cenas cotidianas em São Paulo, onde as plantas quebram o asfalto da rua, ou rasgam buracos em paredes de concreto. Esses trabalhos mostram como ideias e projetos pré-concebidos podem frequentemente se afastar de nossa experiência diária.

Cléo Döbberthin (1991) vive e trabalha em São Paulo

É graduada em Artes Visuais pela FAAP (2015). Participou das 45º e 46º Anuais de Artes (FAAP, São Paulo, 2013 e 2014), recebendo em ambas o Primeiro Prêmio. Participou das exposições coletivas; Sala (MAB-Centro, São Paulo, 2016), Visite Decorado, Corporação (Projeto IsCream, São Paulo, 2016) e Elza (exposição do grupo Agosto, São Paulo, 2016). Realizou sua primeira exposição individual *Puxar portas de empurrar com a interlocução de Ana Mazzei e Bruno Mendonça* (Epicentro Jardins, São Paulo, 2017). Em 2018, com Luiza Gottschalk e Daniela Machado, iniciou um projeto experimental e independente na Barra Funda. A primeira exposição do projeto foi *Unidos da Barra Funda, que reuniu trabalhos de 22 artistas, em diferentes períodos de carreira. No mesmo ano foi realizado a primeira edição do Residência e diálogo entre artistas (PROAC ICMS) com a artista convidada Ana Mazzei.*

When approaching Pivô's entrance, one notices a strange texture covering the institution's glass façade, a sort of sticky dirt or, perhaps, one of those improvised solutions used to cover renovating spaces.

The intervention on the glass is Fumê (2019), one of Cleo's Döbberthin works for the space connecting Copan's pedestrian street and Pivô's interior. The texture deviates the attention of the passerby from the content inside the vitrine. One might ask: Is Pivô closed? Are they building something new?

Döbberthin often unfolds in the boundaries between interiors and exteriors, and she finds in Pivô's ground floor the ideal situation to continue her research about transitional spaces. Mullet Mignon Milanesa wittingly criticizes its own context: the entrance of an art space inside a humongous mixed-use building. The exhibition's title refers to the works on view as well as the scale and texture variations that it comprises. Mullet is a doormat placed around the space's central pillar, ending in a long "hair-strand" resembling a hairdo popular in the 1980s which recently made a comeback (the artist will dye the strand in different colors during the exhibition's period). Its texture also reminds us of the fried-crust of the alla Milagnese steaks often present in São Paulo's meals. The alliteration in the title reflects the artist's irreverent methods of association, in which she entangles images, slangs and objects by her own will.

Döbberthin works with sculptures that replicate architectural elements and site-driven interventions, nodding to the standardization and conventions brought by industrial design and urban architecture, and its effect in the body or gender-related issues. Copanzinho (2019) is a furniture-sculpture that acts as the institution's front desk as well as its shop. Attached to its surface, three silhouettes made from leg contours, stand as welcoming seats for the awaiting visitors. The daily activities of Pivô's reception are, from now on, performed in this weird stool or, perhaps, a vase, since it also hosts a planted crown-of-thorns. The sculpture is like an enlarged version of some of the artist's previous works, Mocinha (2018) and Vulcão (2018), in which stolen plants are grown on Styrofoam blocks, covered in doormats or cement, resembling islands or medusas.

Dramaqueen (2017), the only existing work on view, is part of this previously mentioned series with living plants that she has been working in since 2017. The plants she chooses are commonly used in Brazil to build living fences, their weird sinuous shapes are in fact a somewhat ridiculous security device.

The melancholic shapes of this vessels mock the imposing and utopic aspects of modernist thinking. The image of a crown-of-thorns sprouting from Döbberthin's imprecise geometrical structures-, nod to everyday scenes in São Paulo, where plants break the street's asphalt, or tear holes in concrete walls , showing how pre-conceived ideas and projects can easily fall apart or find complete different outcomes in our daily experience .

Cléo Döbberthin (1991) lives and works São Paulo

Holds a graduate course in Visual Arts from FAPP (2015). Was part of 45th and 46th Anuais das Artes (FAAP, São Paulo, 2013 e 2014), granted in both situations. Participated in the group shows Sala (MAB-Centro, São Paulo, 2016), Visite Decorado, Corporação (Projeto IsCream, São Paulo, 2016) and Elza (exposição do grupo Agosto, São Paulo, 2016). Her first solo show was Puxar portas de empurrar, in dialogue with Ana Mazzei and Bruno Mendonça (Epicentro Jardins, São Paulo, 2017). In 2018, in partnership with Luiza Gottschalk e Daniela Machado, started an experimental space in Barra Funda neighborhood. The first show was Unidos da Barra Dunda, with 22 artists. In the same year, the space held the first residency and dialogue between artists (PROAC ICAM) with the guest artist Ana Mazzei.

Agradecimentos da artista /Artist's thanks

Alberto Srur, Daniela Machado, Jaqueline Lessa, Luiza Gottschalk, Maria Lygia Quartim de Moraes, Marta Nehring, Rubens Naves, Sofia Nehring e à equipe do Pivô

O Pivô agradece à artista e aos seus mantenedores / Pivô thanks the artist and its maintainers

Alexandra Mollof, Almeida e Dale Galeria de Arte, Ana e Marco Abrahão, Bergamin & Gomide, Carbono Galeria, Casa Triangulo, Coleção Coletiva, Eduardo Pavia, Fabiana Brenner, Fabio Luchetti, Fortes D'Aloia & Gabriel, Galeria Leme / AD, Galeria Luiza Strina, Galeria Nara Roesler, Georgiana Rothier e Bernardo Faria, Graham Steele e Ulysses de Santi, José Leopoldo Figueiredo, Laurie Ziegler, Marcelo Tilkian Maia, Mendes Wood DM, Vera e Luiz Parreiras, Vivien Hertogh + anônimos

Equipe Pivô / Pivô Team

Fernanda Brenner - Diretora Artística / Artistic Director
Ligia Andrade - Coordenadora executiva / Executive coordinator
Raquel Sena - Assistente de Produção / Production Assistant
Leandro Muniz - Assistente de Curadoria / Curatorial Assistant
Matias Oliveira - Montagem e Zeladoria / Art Handler and Space Manager
Iago Dias Timóteo - Montagem e Zeladoria / Art Handler and Space Manager
Luana Lima - Auxiliar Administrativo / Administrative Assistant
Jéssica Gonçalves - Recepção e Atendimento / Front Desk and Visitor Services

Colaboradores / Collaborators

Paula Signorelli - Direção de Desenvolvimento / Development Director
Sandra Oksman - Produção Executiva / Executive Producer
Camila Bechelany - Curadoria / Curator



patrocínio / sponsor



co-patrocínio / co-sponsor



apoio / supporter



incentivador / incentive



apoio cultural / cultural support



realização / realization

